

# Mulher bate em PM na invasão do Guará

Rovênia Amorim  
Da equipe do **Correio**

Os fiscais da Terracap e do Serviço de Vigilância do Solo (SivSoLo) fizeram ontem a derrubada mais difícil, até agora, do governo Joaquim Roriz. Foram três horas e meia para demolir os 16 barracos de tijolos na QE 44 do Guará II. A maioria de apenas um cômodo, de nove metros quadrados, e construída às pressas, durante o carnaval. As mulheres com os filhos no colo foram as mais resistentes. Nervosas, choravam, gritavam, xingavam. Até o último instante recusaram-se a sair dos casebres.

Na derrubada do último barraco de Laudilete Rodrigues Costa, de 29 anos, o auge da confusão. Ela e a cunhada Rita Santana da Silva, 33 anos, enfrentaram os policiais, que formavam um cordão de isolamento em frente ao casebre de alvenaria. Para atrasar a derrubada e dar tempo para o marido retirar as telhas de amianto, as duas ficaram em frente da pá-carregadeira. Não adiantou. Os policiais conseguiram tirá-las de lá.

No momento mais tenso, Rita, que está grávida de oito meses, desferiu um tapa no rosto de um policial. Menos de cinco metros dali, a



filha de Rita, Rayanne, de 5 anos, estava aos prantos. "Não empurra a minha mãe, por favor", gritava a menina. "Bati mesmo, porque ficam querendo impedir a gente de pegar as nossas telhas", disse Rita, que saiu com arranhões nas pernas, depois do embate.

Laudilete também partiu para cima dos policiais, que retrucaram. Para afastá-la da área de risco, um dos PM deu-lhe uma rasteira. A mulher foi ao chão. "Bando de carniça. Infelizes assalariados", disparou a gritar, depois que o seu barraco foi derrubado. "O pessoal quer de qualquer jeito tirar as telhas. Não adianta explicar que não dá. São muito

fininhas e quebram fácil demais", desabafou o fiscal Honório, da Administração Regional do Guará. Ele não quis dizer o sobrenome.

Segundo o administrador Divino Alves, todas as famílias da invasão foram notificadas. "A ocupação é recente, desde o carnaval. Essa terra é da Terracap", informou. Mas muitos dos moradores da invasão contestavam o prazo da notificação, alegando que não haviam vencido as 24 horas. Com base nisso, o advogado José Carlos de Matos, 35 anos, entrou com pedido de liminar na 1ª Vara de Fazenda Pública, para salvar quatro barracos.



*Agari Laura Régia teve seus objetos retirados do barraco e mandou desafotos a Roriz*

As 17h30, depois dos quatro derrubados, ele voltou ao local afirmando que tinha obtido a liminar. Mas não estava com o documento nas mãos. "Está lá no carro", garantiu. "A liminar só vale no local. Só podemos parar de derrubar com o documento em mãos", disse o fiscal de posturas Ricardo Araújo.

Na invasão da QE 44, só ficaram 10 barracos, construídos há mais tempo. Os invasores têm liminar da Justiça que impede a demolição.

Apesar de o clima ter ficado mais tenso no final, o tempo todo foi uma operação complicada. Sobrou até

para os repórteres do **Correio**, que foram chamados de "pé-de-chinelos" e acusados de não ajudá-los "nas matérias". Alguns invasores se recusavam a sair dos barracos e os fiscais e policiais precisaram agir com calma. Ao segurá-los pelos braços e os forçar a sair do casebre é que a confusão começava.

Elaina Socorro Santos Braga, 29 anos, ficou no barraco até ele começar a ser derrubado. Os fiscais tiveram de subir no teto para retirar as telhas. O barraco foi destruído manualmente, com pé-de-cabra, para não machucar a invasora. Ain-

da assim ela resistia. "Só saio daqui se me matarem", gritava. Os policiais tiveram de agarrá-la para tirá-la de dentro do barraco já semidestruído. Elaina aproveitou para se jogar no chão. Depois saiu exibindo os arranhões.

Furiosa também ficou a gari Laura Régia Rodrigues Costa, 29 anos, mãe de seis filhos. O mais novo, um bebê de cinco meses. Os seus móveis — armário de cozinha, fogão, cama e colchões — foram retirados do barraco antes da demolição. Mas a cada panela que a maranhense buscava lá dentro, ela soltava um desafogo ao governador Joaquim Roriz.

"Dói trabalhar o mês todo e ver o suor da gente derrubado assim. Não somos bicho, nem animal. Somos gente. É muita humilhação, isso. Por que o Roriz não foi franco como o Cristovam e disse que não ia dar terra pra ninguém?", protestava. "Fizemos todos bonitinhos, pra ver se não derrubavam. Mas não adiantou. Agora quer lascar os pobres e miseráveis. Otários fomos nós que acreditamos e votamos nele." Laura promete armar um barraco de lona e ficar no local.